

RECENSÃO:

GRANADOS, José; ANDERSON, Carl. *Chamados ao amor*. A teologia do corpo segundo João Paulo II. São Paulo: Canção Nova, 2014. 269 p.

Pe. Edmilson Lima

Doutorando em Sacra Teologia do Matrimônio e da Família pelo *Pontificio Istituto Giovanni Paolo II* junto à *Pontificia Università Lateranense* de Roma. E-mail: pedilima@gmail.com

Chamados ao amor é o livro de José Granados e Carl Anderson, publicado em português pela editora Canção Nova. Neste título, os autores fazem confluir não somente as catequeses de São João Paulo II sobre a Teologia do Corpo e alguns de seus documentos pontifícios, mas também suas obras poéticas e filosóficas, compondo um grande mosaico sobre o tema do amor humano. O livro apresenta uma visão positiva do corpo e oferece ao leitor os fundamentos antropológicos para compreendê-lo e valorizá-lo no seu mistério em relação à pessoa e à sua vocação ao amor.

As três partes da obra, divididas em seus capítulos, seguem um percurso no qual podem ser identificados os vários momentos constitutivos da verdade do homem: criado, decaído e redimido. Parte-se da experiência imediata do amor que fazem homem e mulher no próprio corpo, recebido como dom de Deus e da descoberta do chamado à comunhão entre eles e com o Criador. Seguindo viagem pelas vias do amor, encontra-se com sua fragilidade e a necessidade de amadurecimento. É aqui que aparece a figura de Jesus Cristo Redentor que concede ao homem uma renovada capacidade de doar-se no corpo. Conclui-se com as duas formas fundamentais e complementares de responder à vocação ao amor: virgindade e matrimônio.

O corpo é o lugar próprio em que o amor se revela e no qual se manifesta a imagem de Deus. O conhecimento dessas verdades se obtém visitando aquele princípio da criação no qual se depara com as *experiências originais*, assim chamadas por João Paulo II, porque vividas no corpo, dão

início e fundamento à toda experiência humana. São elas: 1) *Solidão original*: descoberta da própria peculiaridade no mundo criado e da necessidade de abrir-se ao Criador. 2) *Unidade originária*: descoberta dos dois modos de ser pessoa na interação de masculino e feminino. 3) *Nudez original*: compreensão do corpo na óptica do Criador.

O amor se revela no corpo nas suas duas dimensões fundamentais que são identidade e diferença sexual. A primeira diz respeito à dignidade de homem e mulher, criados à imagem e semelhança de Deus; a segunda ao modo diverso de exprimi-la. Masculino e feminino dizem duas formas diversas e complementares de viver a abertura do corpo à transcendência.

O corpo é um dom recebido de Deus e como tal deve ser vivido. Ele revela uma trajetória temporal do amor humano que se pode resumir em três coordenadas: 1) Ser filho, ou seja, ser consciente de ter recebido a vida como um dom do Pai; 2) Tornar-se esposo/a, fazendo dom de si mesmo a outra pessoa; 3) Ser pai/mãe, abrindo-se à fecundidade e testemunhando um amor que transcende os amantes.

O amor é belo porque é um chamado divino que realiza plenamente a pessoa, mas esse chamado interpela a liberdade humana, que nem sempre é capaz de responder com um sim generoso. Existem obstáculos que aparecem no caminho do amor e dificultam a relação do casal. Jesus Cristo, vivendo plenamente a dimensão filial do seu corpo, devolve-lhe seu sentido original como referência total a Deus. Através das virtudes da castidade e da pureza, Cristo educa o coração humano a um amor ordenado, plasmando os desejos e os sentimentos na forma de um amor pessoal.

O amor redimido por Cristo precisa de um lugar no qual ser testemunhado e vivido. Esse encontra-se na comunhão de pessoas que se concretiza no matrimônio e na família, autênticas fontes do bem comum. A família é o “ventre no qual se gera o bem comum” e o lugar apropriado “no qual se aprende a vivê-lo”. Mas o projeto de Deus para o homem e a mulher não se esgota na vocação ao matrimônio. Ele precisa ser completado com

a outra forma de caminhar no amor inaugurada pelo Senhor Jesus, isto é, a virgindade consagrada. Essa é um chamado a configurar-se ao modo virginal de viver a corporeidade de Cristo, “segundo as três dimensões do amor que Ele concretizou na cruz e ressurreição: filhos, esposos e pais”.

“Meu amor é meu peso. Aonde quer que eu vá, é ele que me leva”. Esta citação de Santo Agostinho, citada várias vezes no livro, diz-nos como o amor atrai e chama a pessoa a uma viagem. O amor, nas suas dimensões corporal e espiritual, conduz o homem muito além de si mesmo, condu-lo ao Deus que o criou. No amor revelado no corpo o homem descobre sua verdadeira identidade. De fato, escrevia João Paulo II na sua primeira Encíclica: “O homem permanece um ser incompreensível para si mesmo; sua vida não tem sentido se o amor não lhe é revelado, se não o encontra” (*Redemptor Hominis*, 10).

Dada a escassez de fontes bibliográficas no âmbito da teologia moral publicadas em língua portuguesa, foi com muita alegria aceitei o convite, por parte do Pontifício Instituto João Paulo II para estudos sobre Matrimônio e Família, de colaborar na tradução deste texto tão fascinante, com a esperança de que a luz do ensinamento de São João Paulo II possa se difundir cada vez mais na pesquisa científica acerca do amor humano no plano divino, principalmente neste tempo em que tantas discussões giram em torno ao recente Sínodo dos Bispos sobre a Família. Oxalá a profundidade do conteúdo refletido nesta obra possa fornecer critérios adequados para uma antropologia cristã capaz de colher a riqueza da doutrina da Igreja, com discernimento frente ao pluralismo ético que se constata na sociedade hodierna.